

Práticas vocais coletivas: aplicando a teoria em sala de aula

Brenda Ferreira da Silva

UEPA

brendaferreira_18@hotmail.com.

Carlos Henrique E. Bezerra

UEPA

carlos_henrique_bezerra@hotmail.com

Jucélia Estumano Henderson

UEPA

henderson1405@gmail.com

Resumo: Este artigo relata uma experiência vivenciada no Grupo de Pesquisa em Música (GEPEM), com alunos e professores do curso de licenciatura em música da Universidade do Estado do Pará (UEPA). A partir da experimentação prática da teoria que recebemos durante a formação inicial e continuada, pudemos construir uma proposta de oficina para ministrar em um evento intitulado Semana Acadêmica do Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE) que acontece anualmente na Universidade do Estado do Pará (UEPA). Com base em leituras e discussões que havíamos feito no grupo de estudo e pesquisa em música (GEPEM), sistematizamos a proposta, onde pudemos perceber na prática como os temas aprendidos durante a formação inicial e continuada podem nos auxiliar desde a construção até a execução da oficina. Apresentamos aqui uma reflexão sobre essa experiência, sistematizada em forma de oficina, intitulada “Práticas vocais coletivas: ensino e aprendizagem no contexto da educação básica”, e ainda sobre novas possibilidades de se trabalhar a mesma oficina aperfeiçoando as ideias em uma nova proposta a ser lançada.

Palavras chave: Práticas vocais coletivas, formação de professores, educação básica.

O Grupo de Estudo e Pesquisa em Música (GEPEM)

Ao entrar na Universidade o estudante se depara com diversas novidades, onde aquele ensino voltado para o vestibular ou que visa decorar conteúdos para realizar uma prova não servem mais, pois na Universidade, se o estudante não for levado à reflexão, não há sentido nenhum dele estar inserido nesse contexto. Isso pode ser explicado pelo que Severino (2007) nos aponta:

A atividade de ensinar e aprender está intimamente vinculada a esse processo de construção de conhecimento, pois ele é a implementação de uma equação de acordo com a qual educar (ensinar e aprender) significa conhecer; e conhecer, por sua vez, significa construir o objeto; mas construir o objeto significa pesquisar (p. 25).

Nesse sentido, a inserção de graduandos em grupos de estudo e pesquisa na universidade se faz necessária, pois nesse ambiente acontecem os debates, discussões e reflexões sobre a prática docente. Assim, não podemos nos conformar apenas com os conhecimentos adquiridos nas salas de aulas do curso é preciso sempre buscar mais, é preciso testar os conteúdos e transforma-los em atividades didáticas para aplicabilidade na sala de aula, observar os resultados e refletir sobre eles, identificar seus acertos e, sobretudo, seus erros e pensar em soluções viáveis para os problemas encontrados. (RIBEIRO 2011 p.3)

O relato descrito neste artigo nasceu do interesse dos alunos e professores que participam do grupo de estudo e pesquisa em Música GEPEM, por realizar práticas pedagógicas musicais voltadas para a capacitação de professores formados e formandos em música. O grupo existe desde 2002, e com o esforço de alguns professores do curso de música da UEPA ele vem crescendo e integrando alunos e egressos. A fim de incentivar ao estudo e a pesquisa o grupo desenvolve uma sistemática de reuniões semanais, onde são realizadas leituras de artigos, livros e revistas voltados para educação musical e musicologia.

Em 2012 o grupo ficou a frente da organização do VII Encontro Regional da ABEM, Associação Brasileira de Educação Musical que foi realizada na Universidade do Estado do Pará, UEPA. Promovendo palestras, oficinas e minicursos ministrados por professores residentes de outros estados que compartilharam suas experiências.

No ano de 2013 o grupo se preparou para participar do XXI Congresso Anual da ABEM que aconteceu em Pirenópolis-Go. A participação nesse evento favoreceu o amadurecimento da ideia que havíamos proposto para a Semana Acadêmica do Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE), pois pudemos conhecer outros materiais e agregar conhecimentos para nossa formação. Depois do evento, todos os integrantes do Grupo que participaram do Congresso anual da ABEM tiveram que compartilhar, por meio de relatos, o aprendizado adquirido no evento com os outros integrantes do grupo que não puderam ir.

A oficina de “Práticas vocais coletivas: ensino e aprendizagem no contexto da educação básica” foi proposta por três integrantes do grupo que possuem experiência com o canto, e por isso foi esse o tema escolhido pelos mesmos. Além dessa oficina, outras

propostas de oficinas e minicursos foram surgindo, como de editoração de partituras e construção de instrumentos alternativos, que foram ministradas por outros integrantes.

Dentro do grupo dividimos as áreas de interesse propostas pelos seus membros e começamos a realizar leituras voltadas para os assuntos que queríamos ministrar na XIX Semana Acadêmica do Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE). Dessa forma fomos organizando e materializando a realização da oficina.

Foram realizadas leituras das revistas Música na Educação Básica (MEB 1, 2 e 3): “Coro Juvenil nas escolas: sonho ou possibilidade?” (Patrícia Costa); “Explorando possibilidades vocais: da fala ao canto” (Agnes Schmeling e Lúcia Teixeira); e “Minha voz, tua voz: falando e cantando na sala de aula” (Claudia Ribeiro Bellochio). Além desses, utilizamos os livros de Arranjos de Músicas Folclóricas¹ (SOUZA et al., 2008), “Divertimentos do corpo e voz”, de Thelma e Thelmo Chan (2001), “Regência Coral” de Oscar Zander (1979), “De tramas e fios” *(FONTERRADA, 2005) e Pedagogias da educação musical (MATEIRO e ILARI 2011).

Como a teoria se transformou em prática

Artigo 1

Como foi dito anteriormente, foram realizadas leituras de artigos da revista Música na Educação Básica (MEB 1, 2 e 3), e nesse tópico vamos apresentar o que cada artigo contribuiu para a formação da oficina.

O artigo “Explorando possibilidades vocais: da fala ao canto”, apresentado na MEB 2, das autoras Agnes Schmeling e Lúcia Teixeira:

Sugere dinâmicas que envolvem práticas vocais acompanhadas de atividades de apreciação e reflexão sobre diferentes maneiras de cantar, entendendo que cantar é utilizar o corpo como um todo, o repertório perpassa o canto de lavadeiras, rap, bossa nova e canto de monges budistas, a exploração de trava-línguas e o canto associado ao movimento e à dança, valorizando a diversidade de práticas musicais associadas ao canto (GARBOSA e BEINEKE 2010, p.07).

¹ Organizado por Jusamara Souza, Luciana Del Ben, Adriano Bozzetto, Lilia Neves Gonçalves, Cristiane Maria Galdino de Almeida, Fernanda de Assis Oliveira, Graciano Lorenzi, Karla Dias de Oliveira e Lélia Negrini Diniz no ano de 2008.

No artigo observamos algumas considerações importantes que puderam ser utilizadas na oficina de práticas vocais, como por exemplo, focar na utilização do canto como um recurso importante e acessível podendo ser trabalhado na sala de aula sem demandar custo algum, já que a voz é um recurso que todos levam consigo.

As autoras mencionam que os alunos trazem diferentes experiências musico-vocais; seja escutando seus cantores preferidos em MPs, ou TV, rádio, ou mesmo participando em grupos musicais da igreja, das bandas, dentro da própria família, numa rodada de amigos, enfim são diversos os espaços onde esse indivíduo pode vivenciar a música e receber a influência na construção de sua emissão vocal.

Na realização da oficina, ao promovermos um diálogo com os participantes, detectamos que, de fato, a convivência em espaços sociais e o contato com as mídias, influenciaram as suas vivências musicais e refletiu na forma de emissão vocal, pois, muitos dos participantes vieram desses ambientes citados anteriormente, com isso pudemos observar também que os alunos da oficina possuíam vivências musicais diferentes, portanto emissões vocais diferenciadas.

Alguns relataram que cantavam na igreja, outros que cantavam em bandas musicais, outros que cantavam em madrigais e outros que cantavam apenas em casa. Para Schmeling e Teixeira (2010):

Esses exemplos vocais tornam-se modelos para aprendizagem, influenciando na emissão vocal dos alunos, gerando vozes mais faladas, entoadas em registros graves, médios ou agudos, vozes roucas, gritadas, anasaladas entre outras características vocais (p.76).

Logo após o dialogo, fizemos um momento de apreciação musical, relacionando as diferentes formas de cantar, utilizamos músicas dos gêneros que as autoras sugeriram, como por exemplo, o canto das lavadeiras de Almenara, Bossa Nova, Rap, o canto de monges budistas e canto gospel (SCHMELING e TEIXEIRA, 2010, p. 78).

Além de identificar essas características vocais nos participantes da oficina, pudemos relacionar o que havíamos lido no texto, por meio da experimentação, onde pedimos para que todos emitissem qualquer som vocal ou cantassem um trecho musical. A partir daí identificamos que as características vocais eram bem peculiares, não havendo homogeneidade vocal entre os participantes. Aproveitamos a oportunidade para ressaltar que, como

professores, devemos estar atentos a essas características vocais peculiares e que a exploração da voz pode ser realizada não só cantando, mas também falando, conforme Bellochio sugere:

(...) uma experiência bem legal! Fale. Fale de diferentes maneiras. Fale mais forte e mais fraco. Sussurre. Murmure. Grite. Fale uma mesma palavra ou frases de diferentes maneiras. Invente frases engraçadas para serem faladas: Por exemplo: o pinto e a pinta passeiam de ponta a ponta no planeta pintado. Fale essa frase explorando os pp; os nn. Fale rapidamente, lentamente. Invente. Crie outras formas de brincar com os sons da voz com seus alunos e suas alunas (2011, p.65).

Aproveitamos para explorar essa atividade utilizando trava-línguas e parlendas que podem ser utilizadas em sala de aula para ajudar a desenvolver a articulação e a colocação vocal. Sugerimos a utilização de trava-línguas que explorem diferentes consonantes como, por exemplo:

[...] Se a liga me ligasse, eu também ligava a liga, como a liga não me liga, eu também não ligo a liga [...] O pinto pia a pia pinga. Pinga a pia, pia o pinto. Quanto mais a pia pinga, mas o pinto pia (SCHMELING e TEIXEIRA, 2010, p.80).

Artigo 2

No artigo “Minha voz, tua voz: falando e cantando na sala de aula”, Claudia Ribeiro Bellochio (2011):

Trata do uso da voz como mediadora das relações entre as crianças, o professor e a música nas escolas de educação básica. A autora discorre sobre a voz e a desafinação vocal, trazendo aos leitores “um chumaço” de experiências envolvendo fala e canto como possibilidade de prática musical para a sala de aula (GARBOSA e SOUZA, 2011, p.6).

Partindo dessas considerações, procuramos explorar o canto por meio de vocalizes² que selecionamos do livro “Divertimentos de corpo e voz”, de Thelma e Thelmo Chan (2001).

Muitos alunos, mesmo os que já tinham uma vivência no canto, relataram que se achavam desafinados, mas explicamos que tudo é uma questão de prática, pois ninguém nasce afinado. Sobre desafinação, Bellochio explica que:

² Vocalizar é exercitar e desenvolver possibilidades técnicas na habilidade vocal. (COELHO, 1994, p.67)

[...] não se culpe se você achar que é desafinado. Tem solução! [...] Talvez o que você precise é experienciar mais a sua voz. Cante mais! Treine mais! Aqui, vale o treinamento. Pratique! Mas pratique conscientemente, ouvindo e sempre buscando melhorar o que você ouve como “desafinado” (2011, p.63).

Para tratarmos o assunto da desafinação expomos algumas causas possíveis da desafinação em crianças e mostramos alguns vídeos sobre os cuidados com a voz. De acordo com Bellochio (2011, p.64), as possíveis causas dessa desafinação podem ser: inexperiência ou falta de prática; timidez; modelos inadequados; memória auditiva mal desenvolvida; falta de interesse e motivação; diferenças culturais; coordenação; problemas neurológicos e de ouvido interno.

Artigo 3

O artigo “Coro Juvenil nas escolas: sonho ou possibilidade?”, de Patrícia Costa;

[...] busca incentivar professores de música e regentes corais a refletirem sobre o coro juvenil como possível instrumento de musicalização nas escolas de ensino médio. O texto é construído a partir de experiências da autora frente a coros escolares, sendo abordados temas como relações do trabalho coral com a proposta da escola, ensaios, componentes do grupo, avaliação vocal, espaço físico, divulgação da atividade, dentre outros. A autora detalha elementos intrínsecos à atividade coral, apresentando estratégias para a formação e manutenção de grupos, cuidados com o repertório, bem como recursos facilitadores para os ensaios iniciais (GARBOSA e FIGUEIREDO, 2009, p. 10).

A partir da leitura do texto elencamos alguns itens que consideramos importantes para inserir na nossa apresentação da oficina, como por exemplo, atentar para o número de componentes, elaborar uma ficha de avaliação vocal para acompanhar o desenvolvimento dos alunos, procurar um espaço físico adequado para realizar os ensaios, realizar a divulgação das apresentações musicais pelo coro, além de apontar que nós, como professores ou futuros professores de escola pública ou particular, deveremos levar em consideração os ajustes do calendário escolar, ter afinidade com as propostas do estabelecimento, agindo com bom senso para marcar os dias de ensaios extras e apresentações musicais, respeitando os períodos de férias e recessos escolares entre outras questões que envolvam a direção da escola da qual o coro possa pertencer.

Outro ponto que nos despertou interesse na leitura do artigo foi o uso da tecnologia. No texto a autora elenca que é importante o regente do coro utilizar um instrumento harmônico (teclado, piano ou violão) e melódico, como a flauta doce, para facilitar os ensaios. Na oficina fizemos uso desses instrumentos harmônicos e melódicos e percebemos que os participantes cantavam com mais comodidade, pois tinham uma referência auditiva da melodia. Outro recurso que consideramos importante foi a utilização de netbook, datashow, caixa de som, gravações em MPs do repertório trabalhado e uma filmadora para registrar as atividades realizadas em sala.

Vale ressaltar que o uso desses recursos não exclui a oportunidade de estimularmos nossos cantores a aprender notação musical, solfejo e noções de harmonia, entre outros conteúdos (COSTA, 2009, p. 91).

Além da revista Música na Educação Básica da ABEM, utilizamos o livro Arranjos de Músicas Folclóricas (SOUZA, 2008) onde encontramos arranjos musicais de melodias tradicionais voltados para grupos de instrumentos diversos.

Para contemplar a necessidade da proposta da oficina fizemos um novo arranjo a partir das partituras originais para incluir a voz como participante da linha melódica e principalmente participando como imitadora dos instrumentos percussivos, além de, ao invés de tocar com instrumentos percussivos, preferimos explorar os sons de algumas partes do corpo como palmas, coxa, estalos de dedos e pés, para acompanhar a melodia.

Fazer arranjos significa modificar o original de uma música de tal forma que ela soe diferente. O arranjo tem um papel muito importante na vida musical [...]. Existem muitas maneiras de fazer arranjos: modificando melodia ou harmonia, adaptando a peça para outros instrumentos, utilizando diferentes instrumentos, acrescentando outras vozes e/ou propondo contramelodias. A adição de materiais novos muitas vezes recria uma música que pode soar melhor que o original. (SOUZA, 2008, p. 9).

Outros livros que utilizamos para fundamentação da oficina foram o “De tramas e fios”, (FONTEERRADA, 2005) e “Pedagogias em Educação Musical” (MATEIRO e ILARI 2011). Desses livros, exploramos os capítulos voltados para apresentação dos métodos ativos da primeira geração, principalmente sobre os pedagogos musicais que tiveram maior pertinência no Brasil e que estivessem mais próximos de nossa proposta, como Émile-Jacques Dalcroze, Carl Orff e Zoltán Kodály.

[...] todas elas descartam a aproximação da criança com a música como procedimento técnico ou teórico, preferindo que entre em contato com ela como experiência de vida [...] Eles enfatizam a importância do movimento e do canto na aprendizagem da música, apesar de cada qual enfatizar um aspecto diferente [...] Dalcroze, por exemplo, prioriza o movimento, enquanto Kodály destaca o papel do canto coral [...] enfatiza o cantar em grupo e a capacidade de leitura e escrita. [...] Outros dão preferência à expressão e à criação [...] mostram importância da integração de linguagens artísticas (Dalcroze, Orff). (FONTEERRADA, 2005, p. 163-164).

Considerações finais

Como dissemos anteriormente, o licenciando não deve se conformar apenas com os conhecimentos adquiridos nas aulas do seu curso. É preciso buscar mais, é preciso testar os conteúdos e transformá-los em atividades didáticas para aplicação na sala de aula, observar os resultados e refletir sobre eles, identificar seus acertos e, sobretudo, seus erros e pensar em soluções viáveis para os problemas encontrados (RIBEIRO, 2011, p.3).

A partir da experimentação prática da teoria que havíamos lido, pudemos identificar os acertos que tivemos na oficina de “Práticas vocais coletivas: ensino e aprendizagem no contexto da educação básica”, por meio do retorno que tivemos dos participantes, mas, sobretudo, conseguimos refletir sobre novas possibilidades de se trabalhar a oficina. Acreditamos que na próxima oficina teremos novas considerações a fazer e mudanças relevantes, como por exemplo, planejar um momento de criação de arranjos musicais com músicas previamente sugeridas pelos participantes da oficina, explorar momentos de improvisação musical, pesquisar sobre pedagogos de países latino-americanos e principalmente os educadores musicais do Brasil para, dessa forma, buscar um equilíbrio com os vindos do exterior.

Referências

BELLOCHIO, C. R. Minha voz, tua voz: falando e cantando na sala de aula. **Música na Educação Básica**, Vol. 3, n.3, p. 56-67, Porto Alegre, 2011.

CHAN, Thelma, CRUZ, Thelmo. **Divertimentos de corpo e voz**. São Paulo: T. Chan, 2001.

COSTA, Patrícia. Coro juvenil nas escolas: sonho ou possibilidade? In: **Música na Educação Básica**. Porto alegre, v.1, n.1, outubro de 2009.

FONTEERRADA, Marisa Thech de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação** – São Paulo: editora UNESP, 2005.

GARBOSA, Luciane W. F., BEINEKE, Viviane. Editorial. In: **Música na Educação Básica**. Porto Alegre v.2, n.2 setembro de 2010, pp. 5 - 7.

GARBOSA, Luciane W. F., FIGUEIREDO, Sergio L. F. de. Editorial. In: **Música na Educação Básica**. Porto Alegre v. 1, n.1 outubro de 2009, pp. 7 – 10.

GARBOSA, Luciane W. F., SOUSA, Cássia V. C. Editorial. In: **Música na Educação Básica**. Porto Alegre v.3, n.3 setembro de 2011, pp. 5 - 7.

MATEIRO, Teresa, ILARI, Beatriz (org.) **Pedagogias em educação musical**. Curitiba: IBEPEX, 2008 (Série Educação Musical).

RIBEIRO, Ricardo. **Compartilhando conhecimentos entre educadores: ação e reflexão**. Recife: ABEM, Anais: 2011.

SCHMELING, Agnes; TEIXEIRA, Lúcia. Explorando possibilidade vocais: da fala ao canto. **Música na Educação Básica**. Porto Alegre v.2, n.2 setembro de 2010.

SEVERINO, A. **Metodologia do Trabalho científico**. 23. Edição, S. Paulo, editora: Cortez, 2002.

SOUZA, Jusamara (org). **Arranjos de música folclórica**. Jusamara Souza. Porto Alegre: Sulina, 2008.

ZANDER, Oscar. **Regência Coral**. 5 ed. Porto Alegre: Movimento, 2003.